

Uma postura mais pé-no-chão para resolver os grandes problemas

José Welgac Junior e
Nelson Suga (*)

Somos a oitava economia do mundo ocidental, mas temos muitos grandes problemas que muitos outros países em posição inferior no ranking já não têm. São problemas como: dívida externa enorme, inflação elevada com ameaças de hiperinflação, pobreza absoluta de uma grande parte da população, baixa escolaridade (cuja média é estimada em 1,5 ano para o País), reforma agrária e incerteza nos rumos econômicos, para ficar numa breve enumeração.

Os grandes problemas clamam por uma solução urgente e desafiam a inteligência dos estudiosos e induzem a todos nós, que sofremos as suas consequências, ao esforço comum para resolvê-los.

Esses problemas parecem exigir grandes e ousadas soluções e estas são aparentemente possíveis somente através de grandes e poderosas instituições, entre as quais, principalmente, o próprio governo.

O esforço para reduzir a inflação, por exemplo, levou a grandes esforços governamentais e de toda sociedade, incluindo a aplicação de vários choques econômicos. Os resultados, no caso, não são muito animadores.

E forçoso repensar profundamente então, diante dos problemas crescentes, sem apegos às soluções anteriores mais amplamente praticadas, e revisar as premissas básicas de que os grandes problemas só podem ser resolvidos com grandes soluções, em geral emanadas do governo. Os grandes problemas são mais visíveis como pontas de "icebergs", mas que abaixo da sua linha de visibilidade escondem um volume maior ainda de problemas de todos os tamanhos e tipos, alguns deles inextricavelmente ligados.

Os problemas pequenos e até muito pouco atrativos, quanto ao desafio que antepõem à nossa inteligência, devem ser a maioria. O fato comprovado em muitas situações já documentadas nas empresas e organiza-

cões é que os problemas seguem uma distribuição, chamada lei de Pareto: grande número de pequenos problemas e poucos problemas grandes.

Uma postura mais pé-no-chão de resolver os grandes problemas é começar a resolver esses pequenos problemas de pouquíssima ou nenhuma aparição nos noticiários cotidianos, para com isso reduzir a massa dos problemas que nos afligem e ao mesmo tempo adquirir melhor competência em resolver os grandes problemas.

Com isso, pode-se engajar uma parte ainda mais significante da população na solução de problemas nacionais, com melhores resultados. Entre as soluções simples, passíveis de ser executadas até no nível individual ou em pequenos grupos, estão esforços como, por exemplo, a desburocratização e a melhoria de qualidade.

A desburocratização, com a finalidade de simplificar, reduzir os custos e melhorar os serviços pres-

tados, é uma ação em que é importantíssima a contribuição de cada funcionário, e este é o elemento mais competente para a solução do seu âmbito de trabalho. Muitas empresas têm sido bem-sucedidas em desburocratização, adquirindo uma nova vitalidade e competência para resolver outros problemas maiores. O mesmo ocorre com muitos órgãos governamentais.

O esforço da melhoria de qualidade também dá muito bons resultados e é um esforço tanto individual quanto coletivo. As pequenas melhorias podem trazer resultados notáveis, como pode ser constatado em grande número de trabalhos apresentados em convenções nacionais e internacionais de círculos de controle de qualidade. Esses trabalhos, pequenos no âmbito e bem-sucedidos, são testemunhas eloquentes de que as melhorias de baixo custo, feitas participativamente por grande número de pessoas ao longo do tempo, são fatores decisivos na capacitação

para solução de grandes problemas.

As pequenas soluções, entre as quais a desburocratização e a melhoria de qualidade, permitem resolver muitos dos problemas mais imediatos que nos afligem e ainda, o que é sumamente importante, nos capacita a enfrentar de forma realista os grandes problemas com maior competência, sem sonhar com grandes soluções que parecem nunca chegar a tempo.

O importante é que as pequenas soluções podem ser obtidas com investimento não muito grande e às vezes mesmo sem nenhum investimento em dinheiro.

São coisas que podem ser feitas ao nível de um grupo de pessoas, uma comunidade ou mesmo uma empresa. É importante frisar que as soluções que essas entidades físicas ou jurídicas adotam contribuem, embora muitas vezes imperceptivelmente, ao desenvolvimento do País, haja vista os dois fatos citados anteriormente: desburocratização e qualidade. Ambos

estão intrinsecamente ligados ao que o País produz e à agilização de serviços públicos e privados usados por aqueles que aqui vivem. Ora, se as organizações fizerem produtos com qualidade, terão maior rentabilidade e confiança do mercado tanto interno quanto externo. Olhemos o exemplo do Japão, dos Estados Unidos da América, da Alemanha e de outros, cujos produtos têm respeitabilidade no mundo, contribuindo para a posição de destaque daquelas nações. A desburocratização, pelo fato de facilitar a vida das pessoas e organizações, também é um fator de maior estabilidade e confiança nas instituições.

Os problemas podem ser resolvidos desde que para isso haja vontade e uma mente aberta a inovações e que depois se parta para ações que levem à solução dos inúmeros pequenos problemas que nos atingem. Muitas vezes, por vício ou comodismo, ficamos esperando soluções que outros nos digam o que

fazer. É uns esperando a volta dos militares, outros pedindo anistia para o governo, outros querendo terra de graça, outros ainda sonham ganhar na loteria para resolver os problemas (os seus) e assim por diante. Aí não adianta ficarmos culpando os estrangeiros, banqueiros, sindicatos, governo e outros como se fossem culpados de todos os nossos problemas. Se não fizermos a nossa parte, que é importantíssima, não podemos esperar muito dos outros. Então vamos começar a resolver um problema já com uma pequena solução: trabalho. Só com o trabalho de cidadãos e empresários (micro, médios e grandes) com certeza estaremos dando um firme e decisivo passo para melhorar a qualidade do País.

As pequenas soluções com resultados são melhores do que os grandes sonhos.

(*) Dirigentes da seção Paraná da Associação Nacional de Dirigentes e Executivos de Informática.